

O olhar das Instituições de Ensino Superior da Cidade de São Paulo para o Projeto TOF

Sou Mirian Elza Finocchiaro Penteado Rocha, Coordenadora de Projetos Especiais da Faculdade Sumaré e falo em nome de todas as Instituições de Ensino Superior da Cidade de São Paulo que participam do Projeto TOF – Toda Força ao 1º ano.

Começo com Carlos Drummond de Andrade, pois acho que ele expressa o início do Programa Ler e Escrever:

Drummond, em Recomeço, diz em alguns trechos:

**Onde você quer chegar?
Vá alto... sonhe alto... queira o melhor do melhor...
(...)
Porque sou do tamanho daquilo que vejo,
e não do tamanho da minha altura."**

Foi exatamente essa atitude que possibilitou um reolhar para um antigo problema – o Fracasso Escolar.

A grande indagação sempre foi achar o culpado pelo fracasso – para alguns é o próprio aluno ou a família dele. Para outros, com certeza é o professor, é a escola, é a sociedade. E, para conforto da grande maioria das pessoas, o culpado é, sem sombra de dúvida, o governo.

Que bom que o culpado é o governo, assim, todos nos sentimos aliviados, purificados, pois essa entidade abstrata não tem nenhuma relação com minhas ações, com o meu agir.

Não são raras as pessoas que pensam dessa forma, diria até que é a maioria, pois a nossa base de formação foi um ensino mecanicista e com absoluta ausência de reflexão. E aprendemos que só os “grandes homens” fazem a História, e eles fazem parte do governo, representam o Estado. Nós não somos atores sociais, somos sempre coadjuvantes, mera platéia.

Muitas vezes pensamos que o Estado, ente abstrato, sempre deve estar acima de nós, e não aprendemos que historicamente ele surge para cuidar do bem comum. E a educação é um bem comum.

Rompendo com essa visão elitista, a de que apenas alguns fazem história e tendo a preocupação de superar desafios, a Diretoria de Orientação Técnica da Secretaria Municipal da Educação da Cidade de São Paulo, resolveu olhar de frente o antigo problema – grande parte de nossos alunos chega ao final do ciclo I sem dominar a leitura e a escrita e o mesmo acontece com os nossos alunos do Ciclo II.

Como enfrentar esse desafio?

Com o objetivo de reverter esse quadro surgiu em 2005, sendo implantado em 2006, o Programa Ler e Escrever – Prioridade na Escola Municipal.

E surge procurando dar conta de alguns Projetos:

- * TOF- Toda Força ao 1º ano do ciclo I
- * PIC- Projeto Intensivo no ciclo I 3º e 4º anos
- * Projeto Ler e Escrever em todas as Áreas de Conhecimento do Ciclo II

Para viabilizar esses projetos, a DOT/SME – Diretoria de Orientação Técnica implementou cursos de formação para todos os segmentos profissionais, organizou grupos de trabalho nas treze Coordenadorias de Educação. Estes grupos e a equipe DOT- Círculo de Leitura e Escrita diagnosticaram os principais problemas de alfabetização, estudaram diversos autores e debateram soluções para melhorar as condições de aprendizagem dos alunos. Foram também responsáveis por supervisionar a elaboração dos materiais que dão suporte teórico e prático para os Projetos, como o Guia para o Planejamento do Professor Alfabetizador, o Guia de Estudo para o Horário Coletivo de Trabalho que fazem parte do TOF, além do Material para o PIC e para o Ciclo II.

Mas, dentre os projetos do Programa Ler e Escrever, a SME se superou pela inovação no Toda Força. E, sobretudo pela parceria que estabeleceu com as IES.

A inovação foi histórica – pela primeira vez a Escola Pública Municipal abriu suas portas para a entrada do Ensino Superior.

Atuando em duas frentes, procurando aperfeiçoar o futuro professor e dando apoio para o trabalho do professor alfabetizador, a SME por meio de parcerias, permitiu que o estudante dos cursos de Pedagogia ou de Letras começasse a se familiarizar com a profissão professor, com a realidade educacional, fazendo verdadeira “residência” durante seu período de formação.

Essa situação está dando oportunidade a todos os envolvidos nesse Projeto de efetivamente participar do processo de construção da história da educação da nossa cidade.

O aluno pesquisador, ao mesmo tempo em que entra em contato com disciplinas no decorrer do seu curso, vai, no dia a dia da Unidade Escolar onde atua, se deparando com situações didáticas, profissionais e sociais que ampliam consideravelmente seu acervo cultural e estimulam o diálogo entre as aprendizagens realizadas na academia e a prática observada na sala de aula do 1º ano.

Algumas situações, inclusive, o fazem efetivamente entender que a ciência não está pronta e acabada e que novas explicações devem ser buscadas para que novas teorias possam responder às inúmeras indagações que a prática ainda nos trás.

A função do Professor Orientador tem sido essencial para ajudá-los a estabelecer relações entre os conhecimentos, para indicar novas referências bibliográficas, para acalmar as ansiedades, para mostrar que no início é comum você acreditar que não dará conta, mas com o tempo, com o estudo e as leituras, as habilidades e as competências intrínsecas à vida profissional vão se firmando, constantemente se formando para se solidificarem sem traços de calcificação.

Nas reuniões presenciais e à distância realizadas nas IES com os Professores Orientadores alguns temas são obrigatoriamente discutidos, como a questão do respeito às diferenças. Esse aluno pesquisador que atua na sala de aula tem de refletir cotidianamente sobre a riqueza da diversidade para que não se habitue com rótulos ou atitudes preconceituosas e seja um defensor e multiplicador do respeito ao ser humano.

Outros temas, mesmo fazendo parte dos programas dos cursos, são discutidos à exaustão nos encontros semanais, como, por exemplo, a oralidade, a construção do sistema de base alfabético, o processo de aquisição da língua escrita, princípios e práticas de leitura e produção textual.

O que difere, principalmente, este momento de orientação das disciplinas dos cursos de Pedagogia ou Letras é que os alunos-pesquisadores elaboram perguntas a partir de suas observações, registros e práticas, oportunidade que nem todos os estudantes possuem, já que alguns nunca atuaram na área de educação.

Mas o ganho maior ainda está por ser dito – o quanto cada um dos atores envolvidos nesse Projeto está se revendo e se modificando.

O Professor Titular teve abrir sua sala, quase um espaço sagrado, para a entrada de um aprendiz da profissão que algumas vezes é mais um aluno, mas que em outros momentos até o surpreende com as sugestões, o dinamismo e a colaboração. E ele começou a se rever, aquele intruso quem diria, está se tornando parceiro.

O aluno pesquisador a cada dia se transforma e os que estão próximos podem comprovar essa mudança.

Logo que o estudante universitário chegou às salas de aula, os alunos do 1º ano passaram a chamá-lo de Professor e ele, mesmo sabendo que ainda não era professor e que o título era indevido, se orgulhou e começou a querer fazer jus a ele – como a professora titular fala? Como se veste? Como atua? Como planeja as aulas? Como pensa a educação?

Os professores das escolas municipais e os da IES passaram a ser rigorosamente observados – qual deles será meu modelo?

E as responsáveis pelas Coordenadorias não estão afastadas dessa observação - alguns alunos pesquisadores estão simplesmente encantados com os encontros de formação e têm nas Coordenadoras Regionais seus modelos. Algumas possuem fãs ardorosos.

Mas, como nem tudo são flores, alguns universitários ao se depararem com a realidade da profissão, saíram correndo e mudaram de área e de ares.

As pesquisas sobre a formação de professores trazem informações importantes – a maior parte dos professores revela como durante seus cursos universitários não foram preparados para a prática.

A pesquisa recentemente divulgada pela Fundação Carlos Chagas analisou 71 currículos oferecidos por instituições públicas e privadas e concluiu que os cursos de Pedagogia do nosso país não atendem às necessidades reais das escolas e dos alunos.

As IES, sobretudo com a colaboração dos professores que atuam como orientadores e sentem de perto as dúvidas e necessidades de seus alunos, já começam a incluir temas, bibliografias, a rever suas grades e seus programas. E retomam sua função social.

Voltando a Drummond, todos recomeçam e olham cada vez mais alto e com isso a Educação e todos os seus envolvidos só têm a ganhar.

Esses, em poucas palavras têm sido os benefícios do Projeto TOF do Programa Ler e Escrever.

Mirian E.Finocchiaro P.Rocha
Coordenadora de Projetos Especiais
Faculdade Sumaré